



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

VI Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

GT 4- Religião no Mundo Antigo e Medieval

HERMETISMO, MAGIA E ALQUIMIA: REFLEXOS DA ANTIGUIDADE NA RENASCENÇA ITALIANA

Álefi Gabriel dos Santos Testa (UEL-PG) ¹



Resumo: O presente trabalho tem por objetivo explorar a introdução dos escritos herméticos na Itália renascentista, e buscar nos documentos e nas reproduções visuais do período e as possíveis influências exercidas pela filosofia hermética. Veremos algumas definições de historiadores sobre o período renascentista, a chegada e a tradução dos escritos herméticos, realizada por Ficino a pedido da família Médici, depois buscaremos compreender como essas leis herméticas, escritas na antiguidade vieram acompanhadas de inúmeras especulações sobre suas origens, e que supostamente carregariam em si uma lei universal, expressas em princípios, que influenciaram diretamente a maneira com que os intelectuais da renascença compreendiam o mundo. Metodologicamente, a pesquisa adota abordagem histórico-analítica, baseada na tradução e estudo de documentos renascentistas ligados ao hermetismo. Paralelamente, realiza-se a análise iconográfica de imagens alquímicas do período, interpretando seus símbolos à luz das leis herméticas. Essa investigação é complementada por bibliografia de autores contemporâneos que aprofundaram o estudo dessas fontes, permitindo estabelecer conexões entre o pensamento original e interpretações atuais. A investigação segue o curso buscando observar a resignificação dos escritos herméticos durante a renascença, que também ofereceram bases para o surgimento de diversas áreas de pesquisa, como as ciências, as artes, a alquimia, a filosofia, e influenciando da mesma maneira os ideais e as práticas espiritualistas e religiosas, que sobrevivem até hoje.

Palavras-Chaves: Hermetismo. Renascença. Magia. Alquimia.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge com uma curiosidade sobre as bases que possibilitaram o processo de transição do pensamento cristianizado e teocêntrico, fortemente construído durante os séculos medievais, e que possibilitaram uma abertura de portas para o desenvolvimento de um pensamento mais humanista, fortemente influenciado pela antiguidade clássica, seja nas ciências, na filosofia, na estética e até mesmo na espiritualidade. Tomaremos como objeto de estudo os escritos herméticos, assim como as histórias acerca de seu suposto escritor, Hermes Trismegisto, e como a redescoberta dos conhecimentos clássicos antigos abriram espaço na Itália do século XIV para uma nova perspectiva de mundo, utilizando tais conhecimentos

¹ Aluno do curso de pós-graduação em História das Religiões e Religiosidades, ofertado pelo departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado no curso de Licenciatura em Artes Visuais, na mesma instituição. Professor de Arte de Ensino Fundamental e Médio na rede pública do Estado do Paraná (SEED). E-mail: alefitesta@gmail.com

como fator fundante para a construção de uma nova cosmovisão, bem diferente da que encontramos no período medieval, e sendo um dos principais elementos que conduziram ao que chamamos hoje de Renascentismo. Muito se discute entre os historiadores se a renascença é um período definido ou se ela representa uma transformação do pensamento medieval para o moderno desenvolvimento e exploração das ciências. Em sua dissertação *A Visão do Cosmo no “Tratado da Magia” de Giordano Bruno*, Tiago J. C. Atroch afirma:

Sou da opinião de que ao invés de uma ruptura, o Renascimento representou uma continuidade muito ampla com aquilo que foi a Idade Média. Certos movimentos começados nos séculos tradicionalmente considerados medievais, como a importância crescente da Igreja, a busca pelo saber dos antigos, a conquista incessante de novos territórios, para citar alguns, tiveram seu apogeu durante o Renascimento. (ATROCH, 2012, p. 10)

Para ele o renascimento não é um rompimento, mas uma intensificação de um movimento cultural que já havia começado durante a Idade Média (ATROCH, 2012, p. 11). Peter Burke, embasado em *Civilisation of the Renaissance in Italy* (1860) de Jacob Burckhardt, faz a seguinte observação em sua obra *A Renascença*:

Foi Burckhardt quem, com a sua *Civilisation of the Renaissance in Italy* (1860), definiu o período em termos de dois conceitos: "individualismo" e "modernidade". “Na Idade Média”, segundo Burckhardt, “a consciência humana... repousava sonhadora ou semiacordada sob um véu comum. O homem estava consciente de si próprio apenas como membro de uma raça, povo, partido, família, ou corporação – apenas através de uma qualquer categoria geral”. No entanto, na Itália do Renascimento, “este véu evaporou-se... o homem tornou-se um indivíduo espiritual e reconheceu-se a si mesmo como tal”. (BURKE, 2008, p. 9)

No capítulo *O Mito da Renascença* de Burke, ele fala sobre os dois sentidos de mito que se pode atribuir ao período renascentista, segundo as metáforas que ele identifica dentro da pesquisa de Burckhardt, sendo o primeiro sentido de mito, é que “Consideram que são contrastes exagerados uma vez que ignoram as muitas inovações produzidas na Idade Média” (BURKE, 2008, p. 10), o que denota uma descrença em uma ideia de rompimento com o período medieval. A segunda interpretação da palavra seria de que “É uma história simbólica no sentido em que descreve metaforicamente a mudança cultural em termos de despertar e renascer.” (BURKE, 2008, p. 11), uma vez que na visão de Burckhardt sobre a Itália desse período, o país foi o primeiro dos “filhos da Europa” moderna.

Mas não pretendemos explorar essa discussão histórica, na presente pesquisa

focaremos em como a arte e a filosofia antiga exerceu influência no pensamento renascentista, e como os conceitos de arte, magia e ciência eram indissociáveis nesse contexto.

A Renascença foi um período muito fértil na história da humanidade. O rompimento gradativo entre o estado e a igreja foi crucial para que houvesse o desenvolvimento de pensadores que questionassem verdades que até então eram tidas como absolutas, como por exemplo, a crença de que o planeta Terra era plano, ou que estávamos localizados no centro do Universo, ou ainda que eram os astros que se moviam ao nosso redor. Paralelamente, o luteranismo ganhava força, colocando em xeque o poder da igreja católica, e com isso, também a cosmovisão que era por ela imposta. Foi essa a brecha que os grandes artistas, magos e alquimistas da época encontraram para desenvolverem seus conhecimentos, colocando como modelo a antiguidade egípcia, celta, grega, as quais eles acreditavam serem dotadas de uma sabedoria pura e universal.

Nesta pesquisa, procuraremos entender uma das bases das filosofias renascentistas e as influências recebidas da antiguidade, e verificar quais eram as relações que foram estabelecidas entre a prática artística, o pensamento mágico e espiritual, e o surgimento das primeiras bases da ciência como conhecemos hoje.

A REDESCOBERTA DO HERMETISMO NA RENASCENÇA

Para entendermos as relações entre a arte e a magia durante a Renascença, é crucial que entendamos sobre os escritos que fundaram as bases teóricas dos pensadores desse período. Nesse momento, a busca pelo conhecimento antigo, isto é, os conhecimentos espirituais pré-cristãos, começa a ganhar popularidade entre os pensadores, artistas e até aos que depois iremos categorizar como magos e alquimistas. Se na arte podemos notar diversos elementos formais e técnicos – pilares e colunas, ruínas, temáticas mitológicas, atenção às regras de proporção do corpo, perspectiva, etc. – no âmbito dos ideais filosóficos e espirituais, essa influência pode ser igualmente percebida.

Frances Yates (1899 – 1981) foi uma grande historiadora que se dedicou a entender esses elementos que constituíram a formação do pensamento renascentista. Em suas obras, ela destrincha como esses elementos que vieram de uma antiguidade tiveram um grande poder de influência na busca de uma nova perspectiva sobre o mundo e o cosmos. Dentro das pesquisas de Yates, um dos principais fatores que influenciaram na formação desse pensamento, foi a redescoberta dos escritos antigos, a que se atribui autoria ao pseudônimo de Hermes

Trismegisto, figura que não possui fontes que confirmem de fato sua existência, como veremos mais à frente.

Os Escritos Herméticos

Os escritos herméticos são uma coleção de obras literárias, que a princípio acreditava-se ter sido escrito durante o antigo Império Egípcio, por um profeta chamado Hermes Trismegisto, ou, “O Três Vezes Grande”. Em seu livro *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*, Frances Yates remonta, segundo registros históricos, como esses escritos chegaram até o conhecimento dos pensadores na Renascença e de que modo eles influenciaram o pensamento da sociedade italiana nesse período. Yates diz:

Todos os grandes movimentos de vanguarda da Renascença tiraram vigor e impulso emocional do olhar que lançavam ao passado. [...] o passado era sempre melhor que o presente, e o progresso era a revivescência, o renascimento da Antiguidade. (YATES, 1964, p. 13).

Esse anseio pela busca de um conhecimento ancestral seria crucial para romper com o que se tinha até então de filosofias colocadas pelo cristianismo, e fez com que o conjunto de obras do *Corpus Hermeticum* alcançasse um lugar especial em análise, inclusive por pessoas do clero, como os padres Lactâncio, Agostinho e Clemente, os quais possuíam olhares diferentes sobre tais obras.

Quatorze dos quinze escritos foram encontrados em algum ponto da Macedônia, por um monge que estaria a serviço de Cosimo de Medici, que atribuiu a função da tradução das obras para Ficino, que o fez em poucos meses, dando a essas prioridade em relação aos escritos de Platão, os quais ele traduziu posteriormente (YATES, 1964, p. 25).

A maneira com que os escritos herméticos chegaram ao século XV, fizeram com que muitos magos, artistas e alquimistas tivessem uma interpretação errônea sobre os fatos, pois os mesmos acreditavam que tais textos eram provenientes de um passado remoto, escrito por um mago profeta chamado Hermes Trismegisto, durante a antiguidade egípcia. Sobre isso, Frances afirma:

O deus egípcio Tot, escriba dos deuses e divindade da sabedoria, era identificado pelos gregos com Hermes, ao qual às vezes davam o epíteto de Três Vezes Grande. Os latinos apropriaram-se dessa identificação de Hermes ou Mercúrio com Tot, e Cícero, em seu *De natura deorum*, explicou que, na

verdade, havia cinco Mercúrios, sendo o quinto o matador de Argus, o qual fugira, em consequência disso, para o Egito, onde "dera aos egípcios suas leis e letras", adotando o antigo nome de Teut, ou Tot. Inspirada em Hermes Trismegisto, desenvolveu-se uma extensa literatura em grego, consagrada à astrologia, às ciências ocultas, às virtudes secretas das plantas e das pedras e à magia simpática, baseada no conhecimento de tais virtudes e interessada também na fabricação de talismã para atrair o poder das estrelas, etc. (YATES, 1964, p. 14)

Hermes, deus mensageiro grego relacionado à comunicação e ao intelecto, horas chamados de três vezes o grande, foi assimilado pelos romanos como o deus Mercúrio, mas nessa busca pelas práticas mágicas antigas, tendo como principal ponto referencial a cultura egípcia, também o relacionaram com o deus Tot, o qual era chamado de o escriba dos deuses, e a quem era atribuído o título de patrono dos conhecimentos, da magia e do ocultismo. Então, ao contrário do que acreditavam os renascentistas, os escritos herméticos não eram conhecimentos vindos diretamente dos egípcios. Por se tratar de inúmeros escritos em grego, alguns que se contradizem entre si, e suas fontes sendo muito posteriores ao Egito Antigo, acredita-se que eles tenham sido escritos entre os séculos I e III d.c., e que o nome Hermes Trismegisto seria apenas um pseudônimo utilizado por um grupo de pessoas que teriam sido os coautores das obras herméticas.

Seja como for, decerto não foram escritas na antiguidade remota por um onisciente sacerdote egípcio, como acreditavam os renascentistas, e sim por vários autores desconhecidos, todos possivelmente gregos, e o que contém é a filosofia grega popular de seu tempo, mescla de platonismo e estoicismo, combinada com influências hebraicas e talvez persas. (YATES, 1964, p. 14)

Yates considera o caso como “Esse formidável erro histórico teria resultados surpreendentes.” (YATES, 1964, p. 18).

Segundo Yates, da mesma forma que os renascentistas tendiam a buscar no passado uma conexão com o divino que pudesse lhes revelar as verdades sobre o funcionamento do universo, os filósofos gregos do século II também passaram por uma situação semelhante. Eles estariam saturados dos conhecimentos clássicos da filosofia grega, e que naquele momento se tornavam cansativos, e diante as vastas fontes disponíveis no Império Romano nesse momento, uma vez que ele era composto por pessoas de diferentes religiões, credos e fés, a busca por respostas que a razão não poderia lhes oferecer, se voltaram para uma antiguidade, onde a espiritualidade e a magia supririam a lacuna deixada pela filosofia grega, ensinada até então.

Esse mundo do século II, todavia, buscava intensamente o conhecimento da realidade e uma resposta aos problemas que não encontrava na educação normal. Voltou-se, pois, para outros modos de buscar respostas, para os modos intuitivos, místicos e mágicos. Uma vez que a razão aparentemente falhara, buscou cultivar o nous, a faculdade intuitiva do homem. A filosofia seria utilizada não como um exercício dialético, mas como um modo de alcançar o conhecimento intuitivo das coisas divinas e do significado do mundo, como gnose, em resumo, pela qual se estaria preparando o discípulo para o ascetismo e para um modo de vida religioso. (YATES, 1964, p. 16)

Então, na medida em que a racionalidade parecia ter atingido seu esgotamento na Grécia dos primeiros séculos depois de Cristo, os intelectuais gregos passaram a buscar os conhecimentos místicos e religiosos em uma cultura ainda mais antiga que a deles, que poderiam preencher o vazio que a lógica não era capaz de suprir, levando-os a voltar sua atenção para o Egito, onde eles acreditavam haver os mais refinados conhecimentos mágicos e espirituais (YATES, 1964, p. 16).

Mais de um milênio após, os renascentistas procuraram olhar na mesma direção. Buscaram no passado o que o cristianismo não conseguiu oferecer durante esse tempo, e mesmo entre o clero, a imagem de Hermes Trismegisto foi fortemente acolhida, por acreditarem que em alguns de seus escritos havia a profecia da vinda de Cristo. Aos olhos da igreja, seria a oportunidade perfeita de utilizar os conhecimentos considerados pagãos para dar suporte ao cristianismo (YATES, 1964, p. 19).

Com o aval de excelentes autoridades, a Renascença aceitou Hermes Trismegisto como uma pessoa real, de grande antiguidade e autor dos escritos herméticos. Isso estava implícito nas crenças dos principais Padres da Igreja, em particular nas de Lactâncio e de Agostinho. Naturalmente, não ocorreu a ninguém duvidar de que esses autorizados escritores estivessem com a razão. É realmente um testemunho notável da eminência e importância dos escritos herméticos e do êxito precoce e total da lenda de Hermes Trismegisto, no que diz respeito à sua autoria e antiguidade, que, no século IV, Lactâncio e Agostinho tenham aceito essa lenda sem questioná-la. (YATES, 1964, p. 18)

A figura do que eles acreditavam ser Hermes Trismegisto se espalhou pela Itália, sendo colocado em posições referenciais, como gravuras, pinturas e em lugares de destaque. Em 1480, foi retratado em um mosaico, no piso da entrada da catedral de Siena, onde ele aparece com clássicas vestes gregas. Abaixo dele encontra-se a descrição "*Hermes Mercurius Contemporaneus Moyse*", onde podemos perceber que o retrataram com um deslocamento

de tempo ainda maior do que o especulado até então por Lactâncio (250 d.C. – 325 d.C.) escritor cristão cujas obras conciliavam os ideais cristãos com os herméticos, e que influenciaram diretamente o pensamento renascentista sobre o hermetismo, afirmou que Hermes Trismegisto seria “muito mais antigo que Platão e Pitágoras” (YATES, 1964, p. 19).

Figura 1 – Hermes Trismegisto representado no piso da Catedral de Siena



Fonte: Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hermes_mercurius_trismegistus_siena_cathedral.jpg. Acesso em:
05 maio 2021.

A figura ao lado de Hermes, que aparenta ser menor do que ele próprio, se apresenta curvado, quase em tom de humildade, traja roupas que remetem à cultura árabe, podendo esse ser o próprio Moisés. Atrás dela, encontramos um outro personagem que acredita-se ser uma referência egípcia, podendo ser alguma figura que aparece em seus escritos, como Asclépio ou Tat (YATES, 1964, p. 54). Sob sua mão esquerda, acima de duas Esfinges², que fazem mais uma referência ao Antigo Egito, e que apoiam uma placa onde está inscrito uma parte retirada da tradução em Latim do texto de Hermes:

"DEUS OMNIUM CREATOR
SECUM DEUM FECIT
VISIBILEM ET HUNC

² Esfinge: *s.f.*: Na Grécia antiga, monstro fabuloso com corpo, garras e cauda de leão, cabeça de mulher, asas de águia e unhas de harpia, que propunha enigmas aos viandantes e devorava quem não conseguisse decifrá-los.

FECIT PRIMUM ET SOLUM
QUO OBLECTATUS EST
VALDE AMAVIT PROPRIUM
FILIIUM QUI APPELLATUR
SANCTUM VERBUM".

No pergaminho da mão direita de Hermes, podemos observar uma outra inscrição, que está aparentemente sendo dada para o suposto Moisés. Nela encontramos escrito uma outra frase extraída dos evangelhos de Hermes: "*SUSCIPITE O LITTERAS ET LEGES AEGIPTII*", que traduzido corresponderia a "ADOTAI AS VOSSAS LETRAS E LEIS, Ó EGÍPCIOS", a qual possivelmente teve seu significado alterado na composição da imagem, uma vez que Moisés, o escritor dos dez mandamentos bíblicos, parece estar recebendo de Hermes.



A Tábua de Esmeralda

Os escritos de Hermes Trismegisto chegaram da Macedônia em um momento de transição na Itália do século XV, e a figura do próprio Hermes foi amplamente aceita, devido a ansiosa busca por uma sabedoria ancestral que prometeria revelações sobre as relações do homem com o divino. A Tábua de Esmeralda corresponde a um desses escritos, que apesar de ser um texto breve, contém as máximas do Hermetismo, as quais deram base para o desenvolvimento da alquimia e posteriormente dando suporte para o surgimento da ciência moderna. Não obstante, podemos encontrar esses escritos em muitos momentos da arte renascentista, com desenhos, gravuras e pinturas que apresentam os elementos alegóricos contidos nas leis de Hermes Trismegisto.

O Instituto *Nokhooja*, cuja proposta, segundo a descrição dos mesmos em seu site, é “dar continuidade à tradição conhecida por Filosofia Perene, cujo corpo de conhecimentos e práticas visa o desenvolvimento harmonioso do ser humano em todas as suas expressões e dimensões”, reuniu em um documento o texto original, da tradução em latim realizada por Ficino, a tradução feita desse texto para o português, e também a tradução em português da versão Árabe desses escritos, sendo esta um dos motivos ao qual o instituto insinua uma datação mais antiga do que o restante da coleção do *Corpus Hermeticum*: “Algumas autoridades o consideram como sendo o mais antigo dos textos herméticos, muito mais velho do que o *Corpus Hermeticum*, atualmente datado dos primeiros séculos da Era Cristã. A

tradução do texto de Ficino, do Latim para o Português:

1. É verdade, sem engano, certo e muito verdadeiro.
2. Aquilo que está abaixo é como aquilo que está acima, e aquilo que está acima é como aquilo que está baixo, para realizar as maravilhas de uma coisa.
3. E assim como todas as coisas surgiram do um, pelo desígnio do uno, assim todas as coisas nasceram desta única coisa, adaptação.
4. Seu pai é o sol; sua mãe é a lua. O vento carregou-o em seu ventre; sua nutriz é a terra.
5. Este é o pai de todas as consagrações de todo o mundo.
6. Seu poder está intacto, se estiver direcionado para a terra.
7. Você irá separar terra do fogo, o sutil do denso, docemente, com grande engenhosidade.
8. Ela ascende da terra ao céu, desce novamente em direção à terra e recebe a força das coisas acima e abaixo. Assim você terá a glória do mundo inteiro. Daqui para a frente toda escuridão fugirá de você.
9. Essa é a força forte de todas as forças, porque irá conquistar tudo que é sutil e penetrar tudo que seja sólido.
10. Assim foi criado o mundo.
11. O restante será maravilhosa adaptação, da qual este é o método.
12. E assim fui chamado de Hermes Triplamente Grande, possuindo as três partes da filosofia do mundo inteiro.
13. O que eu falei sobre o trabalho do sol está completo. (RUSKA, 1926, tradução de Robert A. Powell, p. 4)

Muitos se questionam, devido ao nome atribuído a este breve capítulo que contém tais leis, sobre a existência de um artefato de esmeralda que contivesse tais inscrições. Sobre isso, o Instituto Nokhooja afirma:

Alguns imaginam que este queria implicar que este texto originalmente estava gravado numa esmeralda (embora não se descreva a existência de nenhuma esmeralda grande o suficiente para contê-lo). Outros notam que o termo “esmeralda” freqüentemente era aplicado nos tempos antigos e medievais para outros materiais, como pedras semipreciosas e até mesmo o vidro. Antoine Faivre, de outro lado, diz que a esmeralda, como o mercúrio, tradicionalmente era atribuída a Hermes. (NOKHOOJA, acesso em 14 de maio 2021)

A discussão sobre existência ou não de tal artefato nos é indiferente, pois são as inscrições que supostamente haviam nela que nos interessam nesta pesquisa. Um fato interessante, é que essas máximas herméticas também ofereceram suporte para o surgimento da ciência moderna. Em seu artigo publicado *Magia ao longo da Ciência Renascentista e Moderna*, Nelson Job coloca, de uma forma modernamente organizada, os princípios observados dentro das leis herméticas, sendo essas:

Mentalismo — Tudo é mente, sendo que a matéria é força mental coagulada.
Vibração — Tudo está em movimento, tudo se move, tudo vibra.
Ritmo — Tudo tem fluxo e refluxo, um movimento para a frente e para trás.
Polaridade — Tudo tem o seu oposto, que é, na verdade, o extremo de uma mesma coisa; tudo tem o seu duplo, que é diferente em grau, mas o mesmo em natureza.
Correspondência — O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima. Existem três grandes planos: o físico (matéria, substância etérea e energia), o mental (mineral, elemental, vegetal, animal e hominal) e o espiritual, sendo que os sete princípios se encontram em todos eles.
Causa e Efeito — Toda a causa tem o seu efeito. Os estudiosos do Hermetismo conhecem os métodos da elevação mental a um plano superior, onde se tornam apenas causadores, e não efeitos. Não apenas uma causa anterior gera um efeito, mas todas as causas anteriores, até a mais longínqua, geram um efeito.
Gênero — Tudo tem o seu masculino e o seu feminino, e eles se engendram, de modo semelhante à complementariedade entre yin-yang no conhecido diagrama Taiji do Taoísmo. (JOB, 2015, p. 2)

Vimos como as máximas herméticas impactaram profundamente os intelectuais dos primeiros séculos depois de Cristo, e posteriormente os renascentistas, e como até mesmo a ciência moderna possui bases em comum com as leis herméticas. Mas o hermetismo percorreu influenciando diversas outras áreas além da linguagem escrita, aparecendo muitas vezes expressa através da linguagem visual de artistas e alquimistas. Alguns autores realizaram uma análise iconográfica e iconológica para estabelecer uma relação entre esses símbolos alquímicos e as máximas herméticas. Podemos colocar como exemplo o Ouroboros, ou Serpente Alquímica, que é um símbolo clássico e mítico que corresponde à terceira máxima da Tábua de Esmeralda, que fala sobre a totalidade do universo. Ela é a serpente que morde a própria cauda, que também fala sobre a eternidade da matéria e sua natureza cíclica (COSTA, 2011, p. 31), expressa pelo processo alquímico chamado “*solve et coagula*”, ou “dissolver e coagular”, metáfora que ilustra princípios como “destruição e criação”, “morte e renascimento” ou “putrefação e purificação”, e que pode ser lida tanto nos processos físicos quanto na filosofia alquímica que busca o auto aperfeiçoamento.

Figura 2 – Representação do Ouroboros em manuscrito alquímico grego do século XV d. C., cópia de um tratado medieval do século V d.C..



Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ouroboros#/media/Ficheiro:Serpiente_alquimica.jpg.

Acesso em: 05 maio 2021.

Figura 3 – Rebis da obra *Theoria Philosophiae Hermeticae*, 1617



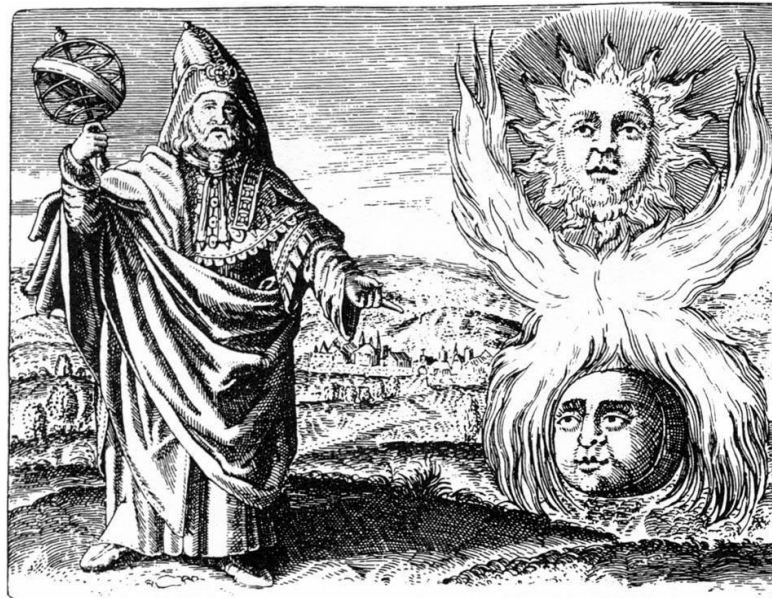
Fonte: Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/File:Rebis_Theoria_Philosophiae_Hermeticae_1617.jpg.

Acesso em: 14 maio 2021.

O Ovo Cósmico de Basílio (Figura 3) também carrega consigo a ideia de unidade que vimos no Ouroboros. Nela, aparece o ser *Hermafrodito*, que na mitologia grega era descrito como filho de Hermes e Afrodite, e que aqui representa as leis da polaridade do *uno*. Ele permanece em pé sobre o dragão, que na alquimia significa tanto o enxofre, quanto a ligação entre o material e o divino (PININGTON, 2018). O dragão permanece deitado sobre o globo que apresenta uma série de símbolos, o primeiro, o do planeta Terra (círculo com a cruz que a corta em quatro partes, alegoria das estações), o glifo que representa o ouro (círculo com o

círculo menor no centro). Dentro do círculo temos um triângulo, símbolo do divino, da trindade, o masculino, o feminino e o neutro, e o quadrado, simbolizando a matéria. Eles dialogam com os números 4 e 3, sendo essa a soma do material com o divino, que totalizando 7, também é considerado pela numerologia o número da perfeição. Ao seu redor temos a representação dos glifos de Vênus, Marte, Mercúrio, Júpiter e Saturno, bem como o Sol e a Lua. Tudo isso, dentro de um único ovo, denotando a totalidade do cosmos. Outro detalhe que também chama a atenção são os objetos em suas mãos, o esquadro e o compasso, que mais uma vez falam da união da natureza material com a divina, ambos fazem parte do símbolo maçônico.

Figura 4 - Hermes Trismegisto e a alegoria alquímica da dualidade, 1624



Fonte: Disponível em: <http://indicadoroculto.blogspot.com/2011/07/sabedoria-hermetica.html>. Acesso em: 14 maio 2021.

Na figura 4, temos uma gravura de Hermes Trismegisto. Em sua mão direita, podemos ver uma esfera armilar, um instrumento desenvolvido a partir de observações minuciosas dos movimentos astronômicos, em que cada armila (anel) representa o movimento dos planetas e a faixa do zodíaco em relação a Terra, sendo esta a esfera central. Esse instrumento representa a maestria nos conhecimentos da astronomia e da astrologia. Pode também representar a unidade do cosmo. Sua mão esquerda encontra-se no mesmo nível onde fica a separação entre as alegorias dos astros representados. O Sol e a Lua são representações do princípio das polaridades de um todo, do masculino e do feminino, o positivo e o negativo, o etéreo e o

terreno, o equivalente ao *Yin* e ao *Yang* oriental. Não se tratam de dois elementos distintos, mas de duas partes de um todo.

Essas leis foram responsáveis por dar o primeiro impulso no desenvolvimento Alquimia do século XIV e XV, momento esse em que a ciência, a arte e o misticismo caminhavam juntos e indistintos. Não tenho pretensão de explanar sobre a história da ciência nessa pesquisa, uma vez que esse trabalho não se propõe tratar sobre essa área, mas é importante entendermos que ela possui raízes em comum com a arte e a magia da renascença.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender as raízes do hermetismo, partindo de suas origens na Antiguidade, explorando quem teria sido, de fato, Hermes Trismegisto, e observando o peso de seus escritos ao longo dos séculos. Na Renascença, esses textos ganharam novo fôlego, influenciando diretamente áreas tão distintas quanto a filosofia, a ciência, a alquimia e o próprio pensamento mágico, que, à época, não se separava com clareza do campo científico. Foi também nesse período que a linguagem visual da alquimia floresceu, carregando nas suas imagens e símbolos muitas das máximas hermetistas, como se o pensamento escrito ganhasse uma segunda vida, agora codificada em formas e cores. A análise iconográfica se mostrou uma ferramenta essencial, revelando como obras aparentemente enigmáticas escondiam conceitos claros para os iniciados: a unidade do Todo, a correspondência entre os planos, o ciclo eterno de criação e transformação. Esses princípios, mais do que simples enfeites filosóficos, pareciam servir de guia para a compreensão do mundo. A sobrevivência do hermetismo até a modernidade, como vimos, se deve em grande parte à redescoberta e à valorização desses textos pelos renascentistas. Sem eles, é provável que grande parte desse corpo de ideias tivesse se perdido ou se mantido apenas como fragmentos dispersos. Hoje, ainda encontramos o hermetismo como referência central para pensadores, pesquisadores independentes e ocultistas, que continuam a revisitar esses escritos na tentativa de decifrar seus possíveis segredos, sejam eles metáforas filosóficas profundas ou, quem sabe, pistas de conhecimentos mais práticos. No fim das contas, o hermetismo permanece como uma ponte entre o mito e a razão, entre a imagem e o texto, entre a antiguidade e o moderno. É uma herança intelectual que atravessou séculos, se adaptou a diferentes contextos e continua a inspirar aqueles que buscam não apenas entender o mundo, mas também transformá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATROCH, T. J. C. **A visão do cosmo no “Tratado da magia” de Giordano Bruno**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM 2012.
- BURCKHARDT, Titus. **A arte sagrada no Oriente e no Ocidente**. São Paulo: Attar Editorial, 2004.
- BURKE, Peter. **O Renascimento**. Lisboa. Texto & Grafia, 2018.
- COSTA, Frederico. **Relações entre ciência e magia no nascimento da ciência moderna**. 2011. 38 f. Monografia (Bacharelado em Filosofia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2020>. Acesso em: 05 maio 2021.
- JOB, Nelson. Magia ao longo da Ciência Renascentista e Moderna. **V Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**. Maio de 2015 – Porto Alegre. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/1378>. Acesso em: 29 abr. 2021
- NOKHOOJA. **Filosofia Perene**. Tábua de Esmeralda. Disponível em: <https://nokhooja.com/temas/espirtuality/a-tabua-de-esmeralda>. Acesso em: 12 maio 2021.
- PININGTON, Catherine Beyer. **Rebis from Theoria Philosophiae Hermeticae**. Learn Religions, [s. l.], 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.learnreligions.com/rebis-from-theoria-philosophiae-hermeticae-95751>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- RUSKA, Julius. **Tabula Smaragdina: Ein Beitrag zur Geschichte der hermetischen Literatur**. Heidelberg: C. Winter, 1926. Trad. Robert A. Powell. Trad. para o português: NoKhooja. Disponível em: <https://tentaculo.wordpress.com/>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- TRISMEGISTO, Hermes. **Corpus Hermeticum**. 1457. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xx1vs1v>. Acesso em 29/04/2021.
- VIEIRA, Otávio S. **O hermetismo como elemento fundamental do ocidente: um paradoxo entre sua necessidade e sua rejeição**. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB. 2016.
- YATES, Frances A. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. São Paulo: Cultrix, 1979.

REFERÊNCIAS VISUAIS

- Figura 1:** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hermes_mercurius_trismegistus_siena_cathedral.jpg Acesso em 05/05/2021.
- Figura 2:** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ouroboros#/media/Ficheiro:Serpiente_alquimica.jpg Acesso em 05/05/2021.
- Figura 3:** Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/File:Rebis_Theoria_Philosophiae_Hermeticae_1617.jpg Acesso em 14/05/2021.
- Figura 4:** Disponível em: <http://indicadoroculto.blogspot.com/2011/07/sabedoria-hermetica.html> Acesso em 14/05/2021.